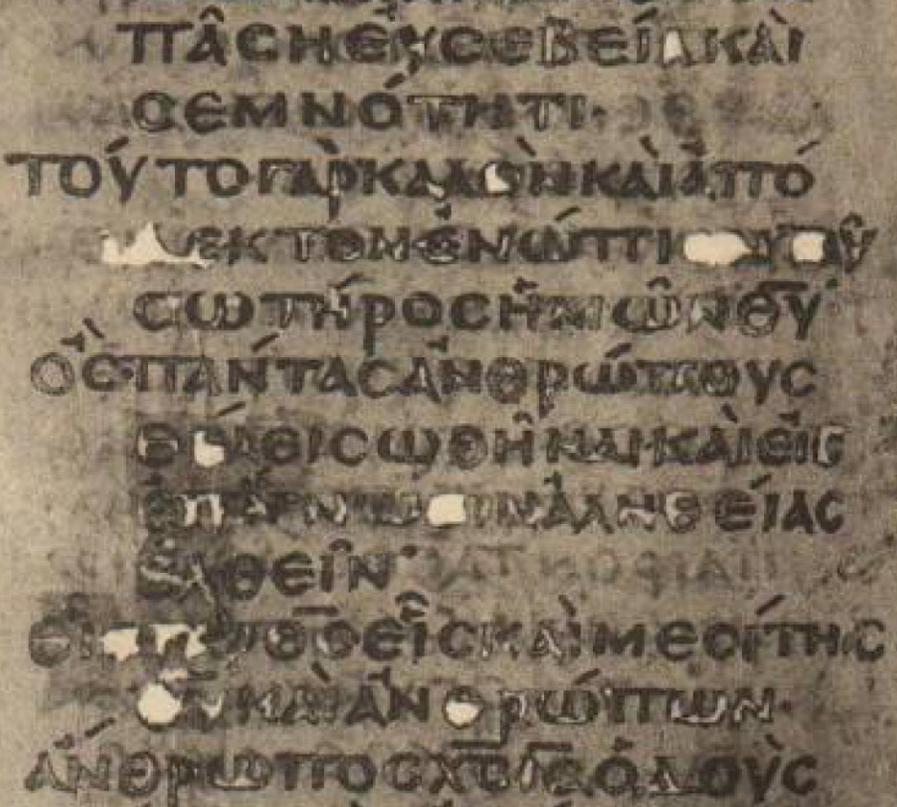


José Lopes da Silva

# ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DA CARTA A  
TIMÓTEO · I e II



Πᾶς ἑνὸς σεβείδου καὶ  
σεμνότητι·  
τοῦτο γὰρ καὶ ὁ καὶ ἄλλο  
λεκτομένον ἵπτι·  
σωτήρος ἡμῶν  
ὅσταντας ἀνορθώτους  
ἐλαβίωσεν καὶ εἰς  
ἐλαβίωσεν καὶ εἰς

José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO**  
**DOCTRINA CATÓLICA**

.....

**LIVRO DA CARTA A**  
**TIMÓTEO · I e II**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

**1ª EDIÇÃO**

**DIAGRAMAÇÃO**

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

**IMAGENS**

[pixabay.com.br](http://pixabay.com.br)

[pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)

# SUMÁRIO

.....

## INTRODUÇÃO AO LIVRO DA PRIMEIRA

CARTA A TIMÓTEO.....	6
Começando a entender.....	10
Organização das comunidades.....	10
Organização da carta.....	10
A síntese pode ser visualizada desta forma.....	11
Conclusão.....	12

## ESTUDO DO LIVRO DA PRIMEIRA

CARTA A TIMÓTEO.....	13
----------------------	----

## INTRODUÇÃO AO LIVRO DA SEGUNDA

CARTA A TIMÓTEO.....	28
Ocasão da carta, conteúdo e disposição.....	29
Saudação epistolar (1,1-2).....	29
Ação de graças a Deus pela fé de Timóteo (1,3-5).....	30
Motivos que devem animar Timóteo a combater pelo Evangelho (1,6-18).....	30
Total entrega ao ministério (2, 1-13).....	31
Luta contra o perigo dos falsos doutores ( 2,14-26).....	31
Ficar em guarda contra os pseudopropetas dos últimos tempos (3,1-17).....	32
Solene exortação final a Timóteo (4,1-8).....	33
Notícias pessoais (4,9-18).....	34
Saudações e bênção final (4,19-22).....	34

Conclusão.....	35
Síntese	35
ESTUDO DO LIVRO DA SEGUNDA	
CARTA A TIMÓTEO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

# INTRODUÇÃO AO LIVRO DA PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO



Três escritos do Novo Testamento têm um conteúdo marcadamente “pastoral”. Ou seja, põem de manifesto a ação da Igreja no cumprimento da sua ação evangelizadora, sobretudo por meio dos bispos e pastores. Por essa razão, as cartas de Timóteo (1 e 2) e a carta de Tito (1) são conhecidas desde o século XVIII pelo nome de “cartas pastorais”.

O valor fundamental dessas cartas está na doutrina que contêm sobre a Igreja e os sacramentos, especialmente no que se refere à imposição das mãos e à liturgia, sobre a instituição eclesiástica como coluna e fundamento da verdade, sobre a hierarquia dos bispos e diáconos e sobre as preocupações da santa doutrina.

A Igreja nunca duvidou do caráter inspirado desses três textos. Católicos, protestantes e ortodoxos sempre os tiveram por sagrados. O Concílio de Trento definiu sua pertença ao cânon das Escrituras. São “protocanônicos”. Maior dificuldade oferece a atribuição a Paulo. Atualmente, há alguns estudiosos que estimam que Paulo não é, ao menos em sentido estrito, o autor dessas cartas. Mas assinalam bem que se trata de um prolongamento dos ensinamentos do Apóstolo. Convém notar que essa hipótese não é respaldada pela crítica externa nem pelo testemunho dos manuscritos.

As notícias que temos sobre Timóteo, destinatário de duas das chamadas cartas “pastorais”, são abundantes e denotam o extraordinário

calor humano do Apóstolo por seu jovem discípulo. Timóteo nasceu em Listra, na região da Licaônia, de pai “grego” - provavelmente pagão, posto que não circuncidou seu filho ao nascer -, e de mãe “judia”, convertida ao cristianismo. Foi educado nas Sagradas Escrituras desde muito jovem pela sua avó Loide e por sua mãe Eunice. Outras notícias sobre a sua pessoa nos informam que Paulo o conheceu, provavelmente, desde a sua primeira viagem missionária; que ao passar por Listra lhe pediu que fosse seu companheiro de evangelização e que o circuncidou de acordo com a Assembleia de Jerusalém. Posteriormente, recebeu a imposição das mãos.

Timóteo atuou temporariamente como responsável da cidade de Éfeso. Acompanhou o Apóstolo na sua prisão de Roma. Muitas referências de Paulo deixam bem claro a lealdade incondicional e a plena entrega desse discípulo querido.

Sendo assim, a Primeira Carta a Timóteo reflete um marcante interesse pelos seguintes temas:

- A liturgia: tem uma belíssima exposição doutrinal sobre a oração litúrgica e fragmentos de hinos que refletem bem o ambiente de oração das primeiras reuniões litúrgicas.
- Os “ministérios” ou serviços na comunidade: é muito importante a doutrina sobre os bispos, os presbíteros, os diáconos e as diaconisas.
- A mulher na Igreja: a atitude que deve ter nas assembleias ou nas reuniões litúrgicas e a descrição da situação em que se encontram as viúvas.
- Os perigos do tempo: ou seja, os falsos mestres. Deles, trata com amplitude. Analisa também as raízes da impiedade e assinala a Igreja como casa de Deus, coluna e base da verdade.

Essa carta manifesta a preocupação de Paulo ao final da sua vida: manter intacta a fé em Jesus Cristo recebida dos apóstolos. A Igreja aparece nela já estruturada, com diferentes ministérios, sobretudo com bispo e diáconos. Ademais, nos permitem comungar com os louvores da antiga Igreja, graças aos cânticos que citam.

Esses quatro fragmentos de hinos são de estilos muito diferentes, o que representa um sinal da data tardia das cartas autorais, já acentuada por uma tradição longa e variada:

- 1Tm 1,17: uma doxologia (uma “palavra de glória”) com a fórmula litúrgica judaica “pelos séculos dos séculos”. O vocabulário é muito grego, especialmente os adjetivos negativos para falar de Deus (“imortal, invisível”).
- 1 Tm 2,5-6: uma profissão de fé monoteísta, mais ou menos paralela aos dois embriões do credo presentes em 1Cor 8,6 e Ef 4,4-6. O termo “único”, sempre aplicado a Deus, é atribuído também a Cristo mediador.
- 1Tm 3,16: esse pequeno hino, bastante notável, é seguramente muito antigo. Sua formulação é extraordinariamente semítica (carne, espírito, justificado, anjos). O mistério de Jesus é apresentado mediante três oposições: carne/Espírito; anjos/nações; mundo/glória. Isso recorda o núcleo do kerigma nos Atos: “Jesus crucificado/ressuscitado” (At 2,23-24).
- 1Tm 6,15-16: uma aclamação que afirma a transcendência de Deus com um vocabulário bastante grego: “felizes”, “soberano”, com dois adjetivos negativos e duas negações.

Além do mais, encontramos nesta carta alguns recursos ao Antigo Testamento muito variados e interessantes; trata-se de referências que fundamentam a vida da comunidade, motivo central da carta. A seção

5,17-6,2 é particularmente densa nesse recurso.

Em 1Tm 2,11-15 (cf. Gn 2-3), Paulo justifica, usando técnicas midráxicas, sua afirmação a respeito do papel da mulher na assembleia, mediante uma interpretação que atualiza o relato da criação do homem e da mulher (Gn 2) e do primeiro pecado (Gn 3). A “salvação mediante a maternidade” se explica como alusão à história de Eva, que fica reabilitada por ser *mãe de todos os viventes* (Gn 3,20).

A única citação existente na carta (5,18, *Pois diz a Escritura...*) se compõe de duas partes. A primeira é um texto do Pentateuco, Dt 25,4: Não atarás a boca ao boi quando ele pisar o grão; nesse contexto, se refere aos presbíteros que se esforçam em pregar e ensinar, mercedores por isso de uma dupla “honra”. Não se pode fazê-los calar, pois estão cumprindo sua missão. A segunda parte se refere a um ditado, não do AT, senão de Jesus: *o operário é digno de seu salário* (Lc 10,7; com uma pequena variante, em Mt 10,10). Paulo estará se referindo a um evangelho ou à tradição evangélica já posta por escrito, como faz alusão à fórmula introdutiva? Ou está citando uma tradição oral, unida por aproximação à referência anterior? Em qualquer caso, para Paulo trata-se de afirmações de autoridade equivalente.

A alusão a Dt 19,15 em 1Tm 5,19 (*Não recebas acusação contra um presbítero, senão por duas ou três testemunhas*; cf. 2Cor 13,1) manifesta que a prática prescrita no Deuteronômio continua vigente na comunidade cristã.

A tradição eclesiástica, desde Eusébio, considerou Timóteo como primeiro bispo de Éfeso. O martirologio romano celebra sua festa, de bispo mártir, em 26 de janeiro.

## **Começando a entender**

### **Organização das comunidades**

Fazendo uma leitura literal da Primeira Carta a Timóteo, percebe-se a seguinte organização: a carta fala de um cargo de direção (3,1), submetido às ordens de Timóteo. Em grego, por trás dessa expressão, está a palavra “episcopo”, da qual deriva nosso “bispo”. A carta fala também de “presbíteros” (5,17-20). Essa palavra vem da cultura judaica e faz pensar nos anciãos que dirigiam o povo. Fala-se também de “diáconos” (3,8-13), palavra que significa “servidores”. Finalmente, é importante recordar que, na organização dessas comunidades, temos o atendimento às viúvas (5,3-16). Há uma espécie de associação das viúvas com mais de 60 anos, e a elas é confiada uma tarefa específica, um “ministério”. Todos esses ministérios faziam parte da comunidade à frente da qual se encontrava Timóteo? Talvez. Contudo, não devemos esquecer que não havia apenas uma comunidade em Éfeso e seus arredores, mas inúmeras. Pode ser que nem todas as comunidades estivessem estruturadas dessa forma.

### **Organização da carta**

As cartas geralmente não têm uma organização sofisticada como certos textos bíblicos. Nota-se um endereço e uma saudação inicial (1,1-2) e uma saudação final (6,21b). No miolo são tratados os problemas referentes à organização das comunidades confiadas a Timóteo. Por três vezes se menciona o conflito central com os “falsos mestres” ou “falsos doutores”: 1,3-11; 4,1-5; 6,3-10. Esse fato nos leva à constatação de que essa questão era extremamente importante para o autor da carta.

Além disso, a carta tem dois momentos de aprofundamento teológico: 1,12-17 e 3,14-16. Temos, nas instruções dadas a Timóteo, três retratos

do bispo: 1,18-20, 4,6-16; 6-11-16. Duas vezes fala-se da organização das comunidades. Na primeira, (2,1-3,13), há orientações para orações comunitárias, aos homens, às mulheres, ao bispo, aos diáconos (talvez sejam mulheres exercendo alguma função nas comunidades). Na segunda (5,1-6,2), há instruções para várias categorias de pessoas: viúvas, presbíteros e escravos. Há um texto isolado que diz respeito aos ricos (6,17-21a).

### **A síntese pode ser visualizada desta forma**

1,1-2	Endereço e saudação inicial
1,3-11	Primeiro conflito com os “falsos mestres”
1,12-17	Primeiro aprofundamento
1,18-20	Timóteo diante de suas responsabilidades
2,1-3,13	Organização das comunidades
2,1-8	Orações comunitárias
2,9-15	Orientações para as mulheres
3,1-7	Orientações para o bispo
3,8.10.13	Orientações para os diáconos
3,11	Orientações para as mulheres
3,14-16	Segundo aprofundamento
4,1-5	Segundo conflito com os “falsos mestres”
4,6-16	Timóteo diante de suas responsabilidades
5,1-6,2	Organização das comunidades
5,1-2	Orientações para os fiéis em geral
5,3-16	Orientações para as viúvas
5,17-25	Orientações para os presbíteros
6,1-2	Orientações para os escravos
6,3-10	Terceiro conflito com os “falsos mestres”
6,11-16	Solene admoestação a Timóteo

6,17-21a	Os ricos
6,21b	Saudação final

## **Conclusão**

A Primeira Carta a Timóteo é assim chamada “carta pastoral” porque dá diretrizes aos pastores da Igreja. Aqueles que a aceitam como carta de Paulo dão como data de composição os anos 65-67; para outros a data estaria nos anos 70-80. Sua importância é imensa quando se trata de refletir teológica e espiritualmente sobre o ministério da Igreja. Procurando sua caracterização, diremos que, na Primeira Carta a Timóteo, Paulo dá ao bispo de Éfeso diretrizes para guiar a Igreja na diversidade de seus grupos. Particular insistência é dada ao rito da imposição das mãos, ao anúncio da verdade e à organização do culto. O tom é categórico, o que serve para lembrar que as convicções cristãs se traduzem em atitudes práticas. Paulo combateu nos sofrimentos o bom combate e concluiu sua carreira. Timóteo é convidado a fazer o mesmo.

# ESTUDO DO LIVRO DA PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO



**Saudação (1Tm 1,1s).** A saudação é a habitual da correspondência paulina, na qual Paulo se apresenta como apóstolo por disposição de Deus e não por simples delegação da comunidade. Esta afirmação terá um realce especial nas chamadas “cartas pastorais”, nas quais o tema principal será o da verdadeira tradição apostólica diante de outras doutrinas que a estavam colocando em perigo. Mesmo que, como é provável, o autor do presente escrito não seja o próprio Paulo, e sim de um seu discípulo da geração seguinte, a autoridade apostólica que representa é indiscutível. Por isso, e para dar-lhe ainda mais realce, assume o nome de Paulo, em um claro exemplo de pseudonímia, tão frequente no ambiente literário de então.

O destinatário é Timóteo, o íntimo colaborador do apóstolo, a quem o autor se refere como a “meu verdadeiro filho na fé” (v.2). Mais que apelativo carinhoso, é título da autoridade legítima e autêntica que tem como líder da comunidade cristã. À combinação costumeira de “graça” da saudação grega e “paz” da saudação hebraica, acrescenta a “misericórdia”, de profunda radicalidade bíblica.

**Falsos doutores (1Tm 1,3-11).** Saltando a costumeira “ação de graças”, Paulo entra de cheio na polêmica. A primeira tarefa de Timóteo será a de enfrentar os falsos doutores que difundem doutrinas heréticas

opostas à sã tradição, e que não são senão historietas, mitos, “fábulas e genealogias” (v.4), produtos todos da fantasia dos charlatões do momento. Não sabemos concretamente a que desvios doutrinários se refere. Reunindo dados das três cartas pastorais que formam um conjunto epistolar, é provável que se trate do gnosticismo - a “gnose” poderia se traduzir como “sabedoria arcana”, a “Nova Era” daquele tempo - com sua mistura vaga e heterogênea de práticas ascéticas não convencionais e de conhecimentos esotéricos que fascinavam os iniciados com o chamariz de uma salvação ao alcance da mão, como se a mensagem salvadora de Jesus Cristo não fosse suficientemente clara. Tudo isso, vem dizer o autor, a única coisa que faz é perturbar a harmonia da comunidade com controvérsias intermináveis.

Entre as falsas doutrinas encontram-se as propostas pelos que pretendem passar como doutores da lei. Não sabemos em concreto se o que esses indivíduos ensinavam era uma versão “gnóstica” da lei mosaica ou alguma interpretação heterodoxa da mesma, o certo é que nem eles sabiam “nem o que dizem nem o que afirmam” (v.7). Na polêmica que estabelece com esses falsos doutores (vv.9s), o autor repete o ensinamento de Paulo sobre a bondade da Lei, sua verdadeira função para quem foi promulgada e a cessação da mesma lei perante a “lei da fé” (cf. Rm 7,12-16; 3,27). Esta foi e é a sã doutrina, a que ajusta à tradição evangélica que Paulo ensinou com sua autoridade apostólica e que, com a mesma autoridade, deve expô-la agora Timóteo como líder da comunidade.

A “sã doutrina” é um dos temas fundamentais das cartas pastorais (cf. 2Tm 4,3; Tt 1,9; 2,1). Se os líderes da primeira geração da Igreja - os apóstolos, os profetas, os pregadores itinerantes - dedicaram todas as suas preocupações à difusão da mensagem evangélica mais além das fronteiras geográficas, os responsáveis pelas seguintes gerações começam

progressivamente a dar mais prioridade à vida interna da comunidade de crentes. Da figura do “evangelizador” se vai passando pouco a pouco para a do “pastor”, sob cuja responsabilidade está, sobretudo, a fidelidade à “tradição apostólica” - a “memória de Jesus” - que é preciso manter como um sagrado depósito (cf. 1Tm 1,11; 2Tm 1,10-14; Tt 1,3) contra todo desvio de qualquer tipo que seja. E assim, os ministérios “itinerantes” da Igreja primitiva vão desaparecendo para deixar passagem aos ministérios “sedentários” que começam a institucionalizar-se ao redor da figura do bispo (cf. 1Tm 3,1-13; 5,17; Tt 1,5-9) e que visam mais ao governo e ao bom andamento interno das Igrejas locais. Igualmente, a comunidade cristã já não é somente a que nasce do anúncio da mensagem evangélica, e sim, sobretudo, a que possui e vive sua verdade, ou seja, a “sã doutrina”.

**Paulo e Timóteo (1Tm 1,12-20).** A usual ação de graças que costumava iniciar e introduzir o assunto das cartas, o autor a coloca quando já começou a desenvolver o tema, com a finalidade de dar mais força às suas instruções de “pastor” da comunidade. Quais são suas intenções ao nos apresentar este autorretrato do anteriormente blasfemo, perseguidor e insolente (v.12) e que, agora, dá graças a Deus por sua conversão? Primeira, afirmar a sã doutrina, digna de ser aceita sem reservas, ou seja: “Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores” (v.15). Esta salvação dramatiza-a na grande mudança que se produz em Paulo, graças à paciência, compaixão, misericórdia e favor de Deus: de perseguidor transformou-se em servidor, de pecador em homem de confiança, “porque me julgou digno de confiança e me chamou ao ministério” (v.12). E segunda, o grande convertido transmite a tarefa do serviço apostólico a seu filho Timóteo em uma espécie de sucessão legítima.

O ensinamento é claro: nenhum líder pode apresentar direitos e méritos próprios para assumir a autoridade dentro da comunidade nem esta possui

a autoridade apostólica para delegá-la a quem quiser. A autoridade vem de Deus e Deus escolhe quem ele quer, por mais pecador que tenha sido - o caso do próprio Paulo. Essa convicção é a que imunizou a Igreja primitiva contra o culto à personalidade de seus apóstolos e pastores. Boa lição para nossa Igreja de hoje. Com essas credenciais, o autor convida Timóteo a exercer sua tarefa de pastor.

**Sobre a oração (1Tm 2,1-7).** A segunda preocupação das cartas pastorais é ditar normas concretas para a organização e bom funcionamento das comunidades locais. E entre os deveres da comunidade, a oração ocupa o primeiro lugar. É interessante conhecer, por intermédio dos conselhos do autor da carta, quanto, como e por quem rezavam aqueles cristãos. O primeiro que aparece é a espontaneidade e intensidade carismática de sua oração: “preces, orações, súplicas, ações de graças” (v.1). O segundo, seu caráter missionário e universal: “por todas os homens” (v.1), para “que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (v.4), pois esta vontade salvadora de Deus abrange a todos, pagãos e cristãos, no único mediador da salvação, “Jesus Cristo, homem” (v.5) ele também.

Mencionam-se especialmente “reis e os que estão constituídos em autoridade” (2; cf. Rm 13,1-8). Não se pede para eles o castigo, mas a conversão, e um primeiro passo é que sejam agentes de paz. Os cristãos de então, embora constituídos já em comunidades sólidas através do império, continuavam sendo uma minoria de classe humilde entre a maioria pagã. Haviam superado já algumas perseguições, mas viviam pendentes da honradez e boa vontade de seus mentores civis, pois não parece que tivessem acesso aos cargos de governo. Por outro lado, a oração pública pelas autoridades era um testemunho de bom comportamento cidadão contra a acusação e suspeita que a vida alternativa dos cristãos provocava: a de ser elementos antissociais.

### **Sobre o comportamento dos homens e das mulheres (1Tm 2,8-15).**

O que o autor da carta diz agora a propósito das mulheres limita-se em primeiro lugar às assembleias de oração; depois passa a considerações mais gerais. O grau notável de igualdade entre homens e mulheres, que aconteceu nas assembleias litúrgicas das Igrejas fundadas por Paulo, não durou muito, infelizmente. Anos mais tarde encontramos-nos com a penosa realidade que nos descrevem as cartas pastorais: a mulher foi reduzida ao silêncio. Um silêncio que ia durar séculos, quase até nossos dias. Nas Igrejas paulinas havia mulheres que dirigiam as assembleias de oração, mulheres profetas (cf. 1Cor 11,3-5), diaconisas (cf. Rm 16,1), líderes femininos capazes de explicar “expuseram-lhe mais profundamente o caminho do Senhor” (At 18,26), como fez Prisca com um pregador do talhe de Apolo (cf. 1Cor 18,24-28). A doutrina e a prática da mensagem evangélica de igualdade entre judeu e grego / escravo e livre / homem e mulher (cf. Gl 3,28), começaram a caminhar juntas.

Nas gerações posteriores a Paulo produz-se a mudança. Embora o princípio evangélico de igualdade continuasse sendo afirmado, não obstante a cultura patriarcal do tempo e os preconceitos ancestrais contra as mulheres voltaram a tornar-se patentes na prática diária das comunidades cristãs, como o demonstra a advertência tão incisiva e inadmissível de: “Não permito à mulher que ensine nem que se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio” (v.12). Mais inaceitável ainda é que queira reforçar sua afirmação com um argumento das Escrituras: “Não foi Adão que se deixou iludir, e sim a mulher que, enganada, se tornou culpada de transgressão” (v.14). Que dizer de tudo isso? Simplesmente que o autor, nesse caso, nos está transmitindo seus preconceitos culturais e não a Palavra

De qualquer forma, a intenção primeira do autor não é estabelecer o lugar que as mulheres deviam ocupar na comunidade, assunto, ao que parece, já amigavelmente resolvido e aceito por todos, mas corrigir possíveis abusos de instabilidade ou chamar a atenção para perigos que ameaçavam a unidade e a harmonia do pequeno grupo cristão. É provável que as falsas doutrinas, já mencionadas, influenciassessem mais facilmente as mulheres do que os homens, talvez pela mesma situação de vulnerabilidade a que estavam reduzidas naquelas sociedades de cunho patriarcal.

**Categorias diversas (1Tm 3,1-13).** Em sua preocupação pela harmonia e boa ordem na comunidade, o autor concentra agora sua atenção em duas classes de cargos de responsabilidade, o bispo e os diáconos. Ambos os títulos, procedentes do mundo civil e religioso grego, foram também aceitos pelos cristãos para designar alguns de seus líderes específicos. Originariamente o primeiro significava “supervisor” e o segundo “servidor”, ou seja, um responsável e alguns assistentes. Comparando com o que sabemos de Paulo em outros documentos, esta carta indica um grau mais desenvolvido de organização interna da Igreja. Ali onde se formavam Igrejas locais, a missão principal de seus responsáveis era cuidar da comunidade como um pastor cuida de seu rebanho (cf. At 20,28). E os títulos que expressavam melhor essa função de “pastores estáveis” eram justamente os títulos de “bispos” e “diáconos”. Outros líderes com diferentes funções menos localizadas e mais itinerantes eram designados com diferentes nomes, como apóstolos, profetas, evangelistas, mestres etc. Embora os termos “bispo” e “diácono” sejam os mesmos que utilizamos na atualidade, não é legítimo deduzir que as funções sejam idênticas. A proliferação de nomes e funções da liderança cristã era uma característica das primeiras

gerações da Igreja. Com o tempo, toda a responsabilidade do serviço da autoridade eclesial foi se concentrando no ministério dos bispos, presbíteros e diáconos, nomes com os quais hoje em dia designamos os ministros ordenados.

A carta fornece orientações concretas para a atitude dos candidatos a cargos estáveis de responsabilidade. Chama a atenção o fato de que o cargo de bispo não era muito apetecível, ou pelo testemunho de vida irrepreensível que exigia ou então pelo perigo pessoal que implicava liderar a comunidade naqueles tempos de frequentes perseguições. Por isso o autor anima os que se sintam chamados a prestar esse serviço a não se esquivar da responsabilidade. Talvez a alguns chame também a atenção o fato de que a maioria fosse casada. O celibato não é um mandamento do Senhor para seus ministros, e sim uma lei eclesiástica que demorou séculos para se impor e se generalizar e, como tal, pode ser aplicada ou não pela autoridade da Igreja de acordo com as necessidades das comunidades cristãs.

Em resumo, as qualidades do bispo e dos diáconos, que o autor da carta exige, não são absolutamente extraordinárias, ou talvez até sejam porque ser “sóbrio, prudente, regrado no seu proceder, hospitaleiro, capaz de ensinar (...), pacífico, desinteressado” (vv.2s), não são, infelizmente, as qualidades que facilmente associamos às pessoas que exercem a autoridade, quer seja dentro quer fora da Igreja. Assim devia ser então e assim continua sendo agora; daí que a admoestação do autor continue sendo tão atual hoje como o era há dois mil anos. Por outro lado, essas exortações estão indicando o ideal da comunidade cristã que o autor tinha em sua mente: a “casa de Deus”, na qual devem reinar o espírito e as virtudes próprias de uma verdadeira família.

**Mistério cristão (1Tm 3,14-16).** No fim do primeiro encargo importante dado a Timóteo, e à maneira de conclusão, aparece claramente o objetivo da carta: a passagem da autoridade apostólica. Na hipótese de que a carta seja autêntica, isto é, que seja do próprio Paulo, é preciso tomar estas palavras (vv.14s) ao pé da letra: Timóteo fica como delegado interino do apóstolo, o qual espera voltar logo ou com um pequeno atraso. Se, como é mais provável, a carta for posterior, com nomes simplesmente representativos, as palavras sugerem a passagem da autoridade única de um apóstolo para a geração seguinte de líderes responsáveis. Neste caso, a menção de sua ausência já definitiva de Paulo, que se consumou com seu martírio em Roma, seria como um chamado comovente à aceitação e à fidelidade da comunidade aos sucessores do ausente, encarregados agora de cuidar da “casa de Deus, que é a Igreja de Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade” (vv.15).

Essa bela descrição da comunidade cristã aponta para o próprio mistério da salvação, que o autor exprime por meio de um hino litúrgico conhecido provavelmente pelos destinatários da carta. O hino, síntese de nossa fé, proclama que este mistério não é uma verdade abstrata, mas sim uma pessoa, Jesus Cristo. O homem que foi conhecido como Jesus de Nazaré e que sofreu a morte na cruz e ressuscitou glorioso, é o mesmo que agora é proclamado aos pagãos e aquele no qual o mundo crê (v.16). Dado o contexto da carta, o hino tem a clara intenção pastoral de reafirmar o conteúdo fundamental da fé cristã que já se vai estendendo por todo o mundo.

**Perigo dos falsos doutores - Os deveres de Timóteo como pastor da comunidade (1Tm 4,1-6).** Esses deveres pastorais de Timóteo são apresentados em contraste radical com as atividades dos falsos doutores, designados com qualificativos tais como: “espíritos embusteiros (...)

doutrinas diabólicas (...) impostores marcados na própria consciência com o ferrete da infâmia” (vv.1s), como delinquentes ou escravos fugidos. A viva consciência, que as primeiras comunidades tinham de estar vivendo o final dos tempos faz com que o autor veja nesses indivíduos os promotores da apostasia que tinha de surgir antes da vinda definitiva do Senhor (cf. 2Ts 2,3) e que o próprio Jesus havia já profetizado: “Levantar-se-ão muitos falsos profetas e seduzirão a muitos” (Mt 24,11; cf. Mc 13,22).

Entre as doutrinas perniciosas, o autor cita a proibição do matrimônio (v.3) e as proibições alimentares, aludindo, talvez, ao dualismo entre corpo e espírito e ao desprezo pela matéria, típicos do gnosticismo, sistema filosófico-religioso sincretista de então, que chegava a aberrações tais como considerar - e proibir a seus iniciados - a união sexual por ser intrinsecamente má. Essa filosofia em toda a variedade de manifestações, e que se infiltrou insidiosamente no pensamento e na práxis cristã, foi a “besta negra” dos primeiros séculos da Igreja. Contra semelhantes barbaridades o autor apela ao “sentido comum” da pessoa que se nutriu da Palavra de Deus que nos transmite a Bíblia: “Tudo o que Deus criou é bom” (4; cf. Gn 1,31; Eclo 39,16), contanto que seja a Palavra de Deus e a oração as que nos indiquem o caminho para nos relacionarmos com elas. E dirigindo-se a Timóteo, conclui afirmando que um “bom ministro de Jesus Cristo [é] alimentado com as palavras da fé e da sã doutrina” (v.6).

**Conduta pessoal de um ministro de Deus (1Tm 4,7-16).** Como nas exortações anteriores, o autor continua se dirigindo pessoalmente a Timóteo, mas com a intenção de delinear a figura ideal do responsável pelas Igrejas locais, aplicável a todo aquele que exerce o ministério da autoridade, e que como tal deve ser: “modelo para os fiéis, no modo de

falar e de viver, na caridade, na fé, na castidade” (v.12). Nisso consiste e deve consistir “o dom espiritual que possuís”, reconhecido por todos, e tornado público e oficial “quando a assembleia dos anciãos te impôs as mãos” (v.14), que era o símbolo ritual com que se solenizava a transmissão do ministério apostólico.

As comunidades cristãs às quais são dirigidas as “cartas pastorais” conheciam muito bem a diversidade de carismas e dons com que o Espírito Santo agraciava os cristãos sem distinção de sexo ou condição social (cf. 1Cor 12). Eram dons temporários que surgiam e desapareciam. Mas também sabiam que entre os carismas havia alguns especiais, de caráter permanente, que afetavam a própria existência da Igreja: eram os carismas da autoridade como serviço à comunidade (cf. Ef 4,11s).

Tal qual faz Paulo em sua Carta aos Efésios (cf. Ef 4,11), o autor, dirigindo-se a Timóteo, mais que referir-se ao carisma que este possui, exorta-o a que toda a sua pessoa se transforme nesse dom vivo para seus irmãos e irmãs na fé. Tão séria é essa exortação que a salvação do responsável fica vinculada à salvação dos subordinados: cumprindo tudo isso “salvar-te-ás a ti mesmo e aos que te ouvirem” (v.16).

**Conduta com as viúvas (1Tm 5,1-16).** Entre as pessoas mais desamparadas das sociedades patriarcais encontravam-se as viúvas sem filhos, as quais por carecer da proteção do homem estavam à mercê da generosidade e compaixão alheias. As viúvas junto com os órfãos recebem muita atenção no AT, tanto na legislação (cf. Lv 19,32) como nas denúncias dos profetas quando delas não cuidavam (cf. Is 1,16s). A preocupação pela situação das viúvas continuou sendo um tema importante nas primeiras comunidades cristãs (cf. At 6,1).

O autor da carta distingue vários grupos de viúvas. Há jovens que,

livres do vínculo conjugal (cf. Rm 7,2), vivem licenciosamente. A estas recomenda que voltem a se casar. Outras vivem com familiares que cuidam delas ou vivem acolhidas pela caridade de alguma família cristã. Por último, as desamparadas serão socorridas por um fundo comum, produto de esmolas e de doações. Entre estas, algumas mais anciãs - sessenta anos naqueles tempos era uma idade muito avançada - desempenharão algumas funções na comunidade. Portanto, rezar - como Ana, cf. Lc 2,36s - e provavelmente outras tarefas compatíveis com sua idade. O que chama a atenção dessas exortações é o caráter familiar que tinham as comunidades cristãs, que hoje continua se manifestando especialmente nas comunidades eclesiais de base.

**Anciãos ou presbíteros (1Tm 5,17-25).** Os “anciãos”, não necessariamente pessoas de idade avançada, tinham uma função de responsabilidade na comunidade, como acontecia no AT e em outras culturas nas quais formavam o Conselho nos povos e o Senado na nação - *senatus* vem de *senex* que quer dizer “ancião”. Formam um grupo e sua responsabilidade é colegial. Aparecem em Éfeso como encarregados da comunidade cristã local sob a autoridade de Paulo (cf. At 20,17). Dá a impressão de que também Timóteo estava acima do colégio de anciãos - como o bispo da atualidade está sobre seus presbíteros. Daí as recomendações que o autor da carta lhe dirige.

Os anciãos em função recebem salário. Sua responsabilidade era a de pregar, ensinar e, sobretudo, a de ser conselheiros do responsável principal da comunidade, neste caso Timóteo. A este correspondia, pois, presidir o grupo dos “anciãos”, transmitir-lhes o dom de seu ministério depois de ter feito uma cuidadosa seleção dos candidatos, corrigi-los quando necessário e protegê-los contra acusações infundadas. Deste grupo de anciãos da Igreja primitiva - presbíteros em latim -, tomaram

nome e função de conselheiros os presbíteros ou sacerdotes da Igreja de hoje. Em outras palavras, o bispo não pode governar sua diocese como monarca absoluto, mas deve fazê-lo sempre, por obrigação, contando com o conselho e a opinião de seus sacerdotes.

É curioso que, entre essa série de graves exortações a Timóteo, o autor da carta deixe escapar um conselho “doméstico”: “Não continues a beber só água, mas toma também um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes indisposições” (v.23). Fica aí como uma anedota familiar,

**Sobre os escravos (1Tm 6,1s).** Essas recomendações do autor devem ser lidas no contexto social em que foram escritas. A escravidão era um fato contra o qual nada podiam fazer, nem social nem politicamente, os cristãos daquele tempo, tal como a Igreja de hoje se mostra social e politicamente impotente perante as escravidões de nossos dias, tanto ou mais perniciosas. A igualdade - “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28) - viviam-na já aqueles crentes como a grande revolução evangélica que estava mudando suas vidas. Justamente por isso é provável que alguns “escravos cristãos” começassem a questionar a obediência a seus donos ou seus patrões. Pelo bem, pois, da comunidade, para evitar desordens internas e prováveis represálias por parte das autoridades civis, o autor recomenda aos escravos o respeito a seus senhores. A obrigação correlativa do senhor em relação ao escravo é um tema que aparece em muitas das cartas de Paulo (cf. 1Cor 7,21-24; Ef 6,5-9; Cl 3,22-25). Esta seria a motivação negativa. Mais importante é a positiva, a que constitui a verdadeira mensagem que eles acreditavam, praticavam e que com o tempo acabaria com a escravidão antiga e o fará com as modernas: o amor fraterno que deve presidir todas as relações

humanas. Mais que condenações e desobediência civil contra a ordem estabelecida de então, era esse testemunho de amor mútuo - inclusive o dos escravos para seus patrões, também dignos de amor (v.2) - a vida alternativa e contracultural que as comunidades cristãs dos primeiros séculos ofereciam.

**Prossegue a polêmica contra os falsos doutores (1Tm 6,3-10).**

Esta polêmica, que apareceu ao longo de toda a carta, centra-se agora na raiz última da qual brota todo o comportamento desses “homens de coração corrompido e privados da verdade” (v.5) e que tantos problemas estavam causando à comunidade, pessoas que “só veem na piedade uma fonte de lucro” (v.5). E torna a repeti-lo mais adiante citando um provérbio daquele tempo e de sempre: “A raiz de todos os males é o amor ao dinheiro” (v.10). Trata-se de uma generalização convencional, pois outros dirão que a raiz de todos os males é a soberba.

Contudo, a análise é acertada: a ansiedade por lucro vicia a credibilidade da mensagem evangélica. Por algum motivo, Paulo quis sempre demonstrar explicitamente seu desinteresse pelos bens materiais (cf. Fl 4,12) e seu empenho por ganhar o pão com o suor do seu rosto sem ser pesado a ninguém nem usar privilégios para seu trabalho apostólico (cf. 1Cor 9,1-17). Esse testemunho de desprendimento e de pobreza digna só é possível vivê-lo por amor e pela força de Jesus Cristo: “Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4,13).

Dando provavelmente por conhecidos o exemplo e as motivações do desapego de Paulo, o autor da carta quer reforçar suas exortações a Timóteo recordando-lhe a tradição de realismo e sentido comum que a sabedoria bíblica oferece a respeito da pobreza e da riqueza. E assim faz ecoar o que disse Jó: “nada trouxemos ao mundo, como tampouco nada poderemos levar” (v.7; cf. Jó 1,21); portanto, contentemo-nos com

“alimento e vestuário” (v.8), diz parafraseando o que dizem os Provérbios: “Não me dêis nem pobreza nem riqueza, concede-me o pão que me é necessário” (Pr 30,8; cf. Mt 6,31-33).

**Encargos a Timóteo (1Tm 6,11-16).** Em contraposição aos “falsos doutores”, todo líder cristão deve ser “um homem de Deus” para sua comunidade, como o foram os grandes líderes e profetas do AT, Moisés, Samuel, Elias, Eliseu etc. E como o foi também o próprio Paulo em cujo nome, e recordando seu exemplo, o autor convida Timóteo a lutar “o bom combate da fé” (12; cf. 1Cor 9,25s; 2Tm 4,7).

Embora todos os crentes devam ser homens e mulheres de Deus pelo testemunho de vida irrepreensível a que se comprometeram publicamente no batismo, o líder da comunidade deve sê-lo também por dupla razão, por ser ele próprio um cristão e por ter aceitado servir como pastor da comunidade quando, publicamente, diante de todos os que lhe foram recomendados, recebeu sua missão e confessou sua intenção de servir. Assim, de maneira solene, o autor da carta apresenta o ministério pastoral atribuído a Timóteo.

Entre as qualidades pessoais de um homem de Deus, além das que já mencionou em 4,12, acrescenta aquelas que principalmente se atribuem ao próprio Deus no AT: “a paciência, a mansidão” (v.11). Mas, como responsável pela comunidade, sua obrigação principal é a de vigiar e manter intacta a sã doutrina: “Recomendo-te que guardes o mandamento sem mácula, irrepreensível” (v.14). Esta sã doutrina que Paulo anunciou, pela qual deu toda a sua vida e da qual faz eco o autor através de toda a carta, não são simplesmente verdades abstratas, e sim a memória de Jesus. Os cristãos não acreditam em doutrinas e sim em uma Pessoa, Jesus de Nazaré, que continua viva e presente na comunidade, convocando-a e cuidando dela por meio de seus representantes. E assim será até o dia

final, “até a aparição de nosso Senhor Jesus Cristo” (v.14). Com um solene “amém” (v.16), - assim seja - a carta termina.

**Conclusão (1Tm 6,17-20).** Como se ao ditar ou revisar o escrito tivesse esquecido algo, o autor acrescenta mais duas exortações. Uma dirigida aos ricos da comunidade, aos quais diz que a riqueza é boa só e quando é solidária e empregada a serviço dos necessitados. É a única maneira de que os bens produzam “um tesouro sólido e excelente para seu futuro”, que é “a verdadeira vida” (v.19). Por último, e com a urgência que têm as últimas recomendações, volta novamente ao tema constante da carta: “guarda o bem que te foi confiado” (v.20), isto é, o depósito da fé e sã doutrina. Embora o escrito seja dirigido a Timóteo, nele fica incluída toda a comunidade: “A graça esteja convosco” (v.21).

# INTRODUÇÃO AO LIVRO DA SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO



A Segunda Carta a Timóteo está dentro das chamadas cartas pastorais. Vejamos, entre a primeira denominação, texto, canonicidade e destinatários dessas cartas de Paulo.

Denominação. Pelas suas características comuns - fundo e forma -, as duas cartas a Timóteo e a carta a Tito se consideram como um grupo à parte dentro do corpo paulino. O adjetivo “pastorais” foi utilizado por Paul Anton em 1726. Esse adjetivo condiz com o conteúdo das cartas, pois elas são dirigidas aos responsáveis das Igrejas, e lhes lembram suas incumbências como “pastores”.

Texto e canonicidade. As cartas a Timóteo junto com a de Tito se encontram íntegras nos grandes códices Unciais, Sinaítico, Alejandrino, Ephraemi rescriptus. Os Padres da Igreja, Irineu, Clemente de Alexandria e Tertuliano, testemunham sua canonicidade. Todas as Igrejas cristãs admitem que elas pertencem aos livros inspirados.

Destinatários. Excetuando a nota a Filêmon, as pastorais são as únicas cartas dirigidas a indivíduos, mas sabendo que por trás deles há uma comunidade. Podemos ver isso nas saudações finais. Timóteo, da cidade de Listra, era filho de pai pagão e de mãe judeu-cristã. Paulo o conheceu em uma de suas viagens e o escolheu e depois o circuncidou. Desde esse momento, Timóteo o acompanhou nas maiorias das suas viagens. Mas, para Paulo, Timóteo foi mais que um colaborador, é “um filho querido” (2Tm 1,2) etc.

Por isso, a Timóteo se confiam missões importantes (At 19,22). Paulo lhe confia, durante algum tempo, a responsabilidade da comunidade de Éfeso. Timóteo é relativamente jovem (1Tm 4,12), mas totalmente fiel a Paulo.

### **Ocasão da carta, conteúdo e disposição**

Quando Paulo escreve essa carta, está preso em Roma. Mas esse cativo é diferente do que temos nos Atos. Paulo diz na carta que se encontra desamparado e sem esperança (1,15; 4,10.16-18). No cativo dos Atos ele é assistido pelos irmãos. Também diz a Timóteo que deixou Trófimo doente em Mileto, mas nos Atos ele não está doente.

A maioria dos especialistas está de acordo que Paulo foi preso depois da viagem ao Oriente. Estando preso em Roma, desamparado e sem esperança de libertação, escreve essa carta a Timóteo, dizendo-lhe que “se apresse” a ir a ele, junto com Marcos, e que lhe leve algumas coisas que tinha deixado em Trôade. Isso acontecia no ano 67, pouco tempo antes de sua morte. Queria ter junto de si, à hora da partida deste mundo, seu fiel e querido Timóteo.

Esta carta é o testamento espiritual de Paulo. O Apóstolo aproveita a ocasião da carta para fazer a Timóteo suas últimas recomendações, exortando-o a permanecer firme na doutrina recebida e trazendo-lhe à memória, quanto de palavras ou por escritos lhe tinha inculcado sobre os deveres de um bom-pastor do redil de Cristo.

### **Saudação epistolar (1,1-2)**

Esta saudação, salvo algumas variantes, coincide com a da carta anterior a Timóteo. A nosso ver, a variante mais característica é o acréscimo “segundo a promessa de vida em Cristo Jesus”. Essa “vida” não é outra que a vida divina, a que chamamos vida de graça para a época da Terra e vida de glória para a época do céu.

## **Ação de graças a Deus pela fé de Timóteo (1,3-5)**

Aqui, Paulo primeiramente faz alusão a seus antepassados, isto é, à sua origem judaica, pois Paulo nunca ocultou ou negou sua raça. De origem hebraica eram também a mãe e avó de Timóteo.

## **Motivos que devem animar Timóteo a combater pelo Evangelho (1,6-18)**

Nesses versículos, vemos que um dos maiores perigos para o apóstolo cristão é a tentação do desânimo quando se encontra com as incompreensões e as perseguições. Paulo previne Timóteo sobre esses perigos.

Vemos, primeiramente, como Paulo lhe lembra “a graça de Deus” que há nele pela imposição de suas mãos e que deve se esforçar por reavivar (v.6). Isso é substancial repetição do que já havia dito na primeira Carta a Timóteo (1Tm 4,14), mas com a diferença de que ali lhe falava de “imposição de mãos” do colégio de presbíteros, enquanto que aqui lhe fala de “imposição de minhas mãos”. Evidentemente, Paulo está se referindo ao rito da ordenação de Timóteo. O que se acrescenta no versículo 7 é uma alusão aos efeitos da “graça” da ordenação: fortaleza, caridade, prudência. Essas são três virtudes de que necessita de modo especial o ministro do Evangelho.

Podemos dizer que, revestido interiormente de tais virtudes, o bom Timóteo não se envergonhará do Evangelho nem muito menos de suas relações com um prisioneiro, como Paulo, pois é bem provável que Paulo estivesse preso quando escreveu essa carta.

Vemos que outro motivo que deve animar Timóteo a ser esforçado no exercício de seu ministério é o pensamento da eleição divina (v.9). Finalmente, Paulo aponta outro motivo: seu próprio exemplo (vv.11-18). Percebemos que depois de aludir à sua eleição para Apóstolo e herdeiro do Evangelho (v.11; cf. 1Tm 2,7), faz memorial da responsabilidade que tal missão leva consigo,

sem que por isso haja desfalecido, pois sabe em quem “tem confiado”, e está seguro de que guardará seu “depósito” para o dia da retribuição final na parusia.

### **Total entrega ao ministério (2, 1-13)**

Aqui, Paulo segue insistindo com Timóteo para que se entregue completamente e com total fidelidade. Essa força virá a Timóteo da “graça” divina, que se comunica mediante a união com Cristo.

Apoiado na graça divina, Timóteo deverá preocupar-se por transmitir a outros o que de Paulo tem ouvido. É evidente que Paulo aqui se refere ao depósito ao qual já aludimos. Depósito, para Paulo e a Tradição, é um conjunto de verdades que constituem a mensagem do Evangelho.

Em seguida, Paulo, valendo-se de três expressivas imagens (soldado, atleta, agricultor), exorta Timóteo a entregar-se totalmente ao seu ministério. Não é bom soldado, nem bom atleta, nem bom agricultor quem se dedica a outras ocupações. Assim também deve ser o apóstolo cristão.

Vemos que nos versículos 8-13, com a finalidade de encorajar mais a Timóteo, Paulo lhe lembra o exemplo de Cristo que, se antes teve de padecer, logo ressuscitou glorioso, e é o tipo e modelo de nossa futura ressurreição. Sabemos que essa é uma ideia fecunda que Paulo utiliza muitas vezes.

### **Luta contra o perigo dos falsos doutores ( 2,14-26)**

Aqui, Timóteo se encontra diante de uma situação muito delicada: as pregações dos falsos profetas. A esse perigo já aludiu Paulo na primeira carta dirigida a Timóteo. No texto, encontramos alguns cristãos que se extraviaram da verdade, que são os falsos doutores. Paulo cita uma verdade concreta: a da ressurreição. Disso se deduz qual era a pregação daqueles falsos doutores. Com efeito, eles negavam o dogma da ressurreição, dizendo que esta já tinha

ocorrido com o Batismo. A ressurreição seria uma ressurreição mística, operada pelo batismo.

Não obstante essas variações, a Igreja permanecerá firme, pois esse edifício está bem edificado. Assim, Paulo, tomando como modelo passagens do AT, diz que os antigos templos levavam uma inscrição que definia seu caráter. Igualmente, a Igreja leva esse selo. Uma primeira inscrição diz que *o Senhor fará conhecer quem é dele* (Nm 16,5). A segunda é: “Afastai-vos”, disse ele à assembleia, “das tendas desses homens perversos, e não toqueis coisa alguma que lhes pertença, para que não morrais, envolvidos em todos os seus pecados” (Num 16,26; Is 26,13). As duas inscrições, ou selo, que leva o edifício da Igreja indica que esta não se desviará jamais da reta doutrina e que é santa por natureza.

Verdade e santidade são duas notas da Igreja que ninguém nunca poderá tirar dela. Nos versículos 20-21 podemos fazer a seguinte aplicação: na Igreja há cristãos bons e maus, em menor e maior grau. Ninguém se deve escandalizar pela presença nela, dos falsos doutores e pecadores. Em seguida, Paulo exorta Timóteo a evitar as paixões juvenis. Nesse contexto, essas paixões juvenis são certas vaidades, isto é, o afã de novidades, mais corrente nos jovens que nas pessoas maduras.

### **Ficar em guarda contra os pseudoprofetis dos últimos tempos (3,1-17)**

Fala aqui Paulo de homens perversos que surgirão nos últimos dias. Eles se assemelharão a cordeiros, sendo na verdade lobos ferozes. Quando Paulo fala do homem do pecado (anticristo) refere-se a um futuro; agora quando fala do mistério de iniquidade, é que já está atuando no presente. Os “últimos dias” se referem à era messiânica em que vivemos, último período da história humana.

Convém dizer que Paulo não sabe se aquele período seria longo ou curto. O que sabe é que antes da parusia surgiriam homens perversos, pseudoprofetias, com o perigo de seduzir os escolhidos. Em virtude disso se faz mister viver vigilantes.

A partir do versículo 10, Paulo propõe uma vez mais a Timóteo seu próprio exemplo. De todas as perseguições o livrou o Senhor, em especial as de Antioquia, Icônio e Listra. Paulo coloca essas perseguições porque primeiramente foram as primeiras que ele sofreu, e porque tocam de perto a Timóteo, pois ele pertence àquelas terras.

Nos versículos 15-17, Timóteo deve instruir-se cada vez mais nas Sagradas Escrituras. Os livros sagrados (o Antigo Testamento) têm o poder permanente de dar a verdadeira sabedoria, que consiste no conhecimento de Deus e de sua vontade, e em conformar com esta a própria conduta. Assim, conduzem à salvação e mostram o caminho para ela; a qual, não obstante, não podem obter sem a fé em Jesus.

### **Solene exortação final a Timóteo (4,1-8)**

Este final da carta passou à história como um dos mais dramáticos e solenes saídos da pena de Paulo.

Paulo primeiramente põe ante a vista de Timóteo o dia do grande juízo final. Nesse acontecimento aparecerá Cristo, que julgará os “vivos e os mortos”, e inaugurará o reino. A expressão “vivos e mortos”, que entrou no símbolo de nossa fé, reflete a doutrina exposta por Paulo em vários lugares quando se refere à parusia.

Depois, Paulo conjura Timóteo a que se entregue com tudo a seu ministério, pois se aproximam tempos difíceis e muitos adversários. Fechando a exortação, apresenta, à luz da fé, um balanço de sua vida. Evidentemente, Paulo prevê um resultado adverso em seu processo. Como já aludimos, a

linguagem é muito diferente da que ele utilizou no primeiro cativo. As imagens do “combate” e “carreira” nos são já conhecidas.

### **Notícias pessoais (4,9-18)**

A vida de nosso querido Apóstolo está chegando ao fim. Ele está em um cárcere rigoroso, em Roma. Dos que o acompanhavam, muitos o abandonaram, outros tiveram de partir em missão. Só Lucas está com ele. Por isso, escreve a seu fiel e querido Timóteo que se apresse a ir ter com ele e leve Marcos. Para substituir Timóteo em Éfeso, lhe envia Tíquico.

Paulo pede a Timóteo que lhe leve algumas coisas pessoais que deixou em Trôade. Isso significa, para os estudiosos, que Paulo possivelmente foi preso naquela cidade, pois sair tão depressa da casa de um amigo, como era Cárpio, e deixar livros, capote etc., não é muito normal. Não há dúvida de que fora feito prisioneiro naquele lugar.

A “primeira defesa” a que alude o Apóstolo é, à primeira vista, perante o tribunal romano. Todos o abandonaram, mas o Senhor lhe deu forças e saiu vitorioso. A isso se refere quando diz: “Fui salvo das fauces do leão”. Aproveitou a ocasião, como todo bom apóstolo, de dar a conhecer o Evangelho. A situação não tardará em mudar, coisa que não pegará Paulo de surpresa. O importante, ao nosso ver, não era a vida material, mas a consecução do “reino celeste”.

### **Saudações e bênção final (4,19-22)**

Paulo manda saudações para as pessoas conhecidas e dá notícias sobre outras. Excetuando Êubulo, Pudente, Lino e Cláudio, todos os outros nos são conhecidos. Segundo Irineu e Eusébio, Lino tinha sido o sucessor de Pedro em Roma. É de notar a insistência de Paulo em que Timóteo se apresse a ir ter com ele, antes do inverno, pois nesse tempo as navegações

eram perigosas e quase impossíveis. Paulo pensa que se Timóteo não se puser logo a caminho, chegará demasiado tarde.

A bênção final é semelhante à de outras cartas e vai dirigida a Timóteo e a todos os da comunidade de Éfeso.

## Conclusão

Pelo que temos visto, a Segunda Carta a Timóteo é rica em textos dogmáticos, nos informam sobre as condições internas da Igreja, sobre a organização, sobre as doutrinas que circulavam, e, sobretudo, e o que é mais importante, nos dá a base de uma sólida espiritualidade pastoral e sacerdotal.

Essa carta de Paulo é de rico conteúdo espiritual.

Feliz o apóstolo do Evangelho que, ao final de seus anos de apostolado, puder exclaimar como Paulo: “Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei minha fé!”.

## Síntese

1,1-2	Saudação
1,3-5	Ação de graças a Deus pela fé de Timóteo
1,6-18	Motivos que devem animar Timóteo a combater pelo Evangelho
2,1-13	Total entrega ao ministério
2,14-26	Luta contra o perigo dos falsos doutores
3,1-17	Ficar em guarda contra os pseudoprofetis dos últimos tempos
4,1-8	Solene exortação final a Timóteo
4,9-18	Notícias pessoais
4,19-22	Saudações e bênção final

# ESTUDO DO LIVRO DA SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO



**Saudação e ação de graças (2Tm 5).** Paulo, ou o autor que personifica o apóstolo, apresenta-se como sempre já assinalando desde o início sua condição de apóstolo “pela vontade de Deus” (v.1) e não pela simples decisão humana. Se esse dado foi importante nas cartas originadas da pena do próprio Paulo, o é ainda mais nas “cartas pastorais” em que estava em jogo a passagem da autoridade apostólica para a nova geração de responsáveis cristãos que, não tendo talvez o prestígio e o carisma pessoal do apóstolo, necessitavam mais do que nunca do reconhecimento de sua liderança por parte da comunidade.

Ao passar da primeira carta para a segunda a Timóteo, percebemos uma tonalidade diversa, mais pessoal nas recordações, mais cordial nos conselhos e avisos. Paulo aguarda seu destino final em um cárcere de Roma e parece que quer dar a seu escrito um caráter de testamento. Contemplando, pois, seu desenlace próximo e o futuro de seu discípulo e sucessor, Timóteo, recorda emocionado as lágrimas deste ao lhe dizer adeus e a “fé sincera” (v.5) que professa e que recebeu no seio familiar. Sabemos que Timóteo nasceu de pai pagão e de mãe judia convertida (cf. At 16,1) e que foram sua avó e sua mãe as que lhe deram uma educação cristã. São recordações que levam o apóstolo, dia e noite, a orar por seu querido filho na fé (1Tm 1,2).

**Fiel à Boa Notícia (2Tm 18).** As palavras de Paulo estão impregnadas

da urgência e da emoção das últimas recomendações. Começa recordando a seu discípulo e sucessor o momento solene da imposição das mãos (cf. 1Tm 4,14; At 6,6), em alusão ao rito no qual lhe foi transmitida a autoridade apostólica, isto é, o carisma ou dom do Espírito para dirigir a comunidade com valentia e dar testemunho a respeito da boa notícia da “aparição de nosso salvador Jesus Cristo” (10; cf. Tt 2,11), da qual ele mesmo, Paulo, se considera “pregador, apóstolo e mestre” (v.11) e pela qual lutou, sofreu e agora está no cárcere.

Essa situação de aflições e de privação da liberdade não é considerada por ele de maneira alguma como insucesso de seu apostolado ou do Evangelho do qual é arauto. O apóstolo se sente tão identificado pessoalmente com a

Boa Notícia que prega, que tanto sua vida e seu destino, quanto a própria mensagem evangélica, são contemplados como um depósito que está seguro nas mãos daquele que pode guardá-lo até o último dia (v.12). Esse depósito da fé deve ser também a norma de vida de seu discípulo Timóteo, graças à presença do Espírito.

**Soldado de Cristo (2Tm 2,1-19).** Paulo entra no tema central desta carta-testamento com três recomendações a seu discípulo. A primeira: que escolha pessoas dignas de confiança a quem possa transmitir o legado da Palavra de Deus que ele mesmo, Timóteo, recebeu publicamente “em presença de muitas testemunhas” (v.2). Não só é seu dever guardar fielmente a “memória de Jesus” que recebeu de seu mestre Paulo, mas assegurar que essa memória se mantenha intacta de uma geração para outra.

A segunda: sendo essa “memória de Jesus” a memória de um “crucificado”, o sofrimento que acompanhará seus seguidores tem um valor evangélico. Assim entendeu Paulo sempre seus sofrimentos de

apóstolo e assim interpreta agora sua prisão: “Tudo suportado por amor dos escolhidos, para que (...) consigam a salvação em Jesus Cristo, com a glória eterna” (10). O apóstolo exorta seu discípulo a ter essa “memória” sempre diante de seus olhos: “Lembra-te de Jesus Cristo (...) ressuscitado dentre os mortos” (v.8), terminando com a citação de um belo poema no qual se vê o crente entrando em plena comunhão com o mistério redentor de Cristo, tanto em sua paixão como em sua glória.

A terceira exortação refere-se ao tema constante das “cartas pastorais”: os falsos doutores, e a atitude que deverão ter os responsáveis pela comunidade diante deles. Contrapõe ao palavrório profano e perigoso desses homens a palavra da verdade que é o Evangelho. Cita um exemplo dessas doutrinas perigosas: a ressurreição já ter acontecido no batismo e que não se devia esperar outra, ou seja, a ressurreição depois da morte (Jo 5,28s). Para assegurar que as falsas doutrinas não prevaleçam, o autor emprega uma bela metáfora: a pedra fundamental da Igreja apresenta duas inscrições gravadas. Uma se refere à presença protetora do Senhor que “conhece os que são seus” (v.19a). A outra adverte os que invocam seu nome a afastar-se de toda essa falsidade a que chama de “iniquidade” (v.19b).

**A Igreja, a grande casa (2Tm 2,20-26).** Com a imagem da Igreja como a “grande casa”, imagem favorita das cartas pastorais, o autor conclui essas primeiras exortações a Timóteo. Essa casa, cujo único dono é o Senhor, tem seu pessoal humano para as diversas tarefas mais ou menos honoríficas: “utensílios de ouro e prata (...) de madeira e de barro” (v.20). E todos são chamados, especialmente os responsáveis pela comunidade, a converter-se em “utensílio nobre (...) útil ao seu possuidor” (v.21), não através de discussões inúteis e debates dialéticos, mas através do testemunho de uma vida que pratica “a justiça, a fé, a

caridade, a paz” (v.22). Só assim será possível atrair os desencaminhados ao arrependimento e à verdade.

**Os últimos tempos (2Tm 3,1-13).** Começa aqui uma exortação para os tempos finais que se aproximam. Devido ao caráter de testamento desta carta, Paulo prevê seu final próximo - o autor que personifica o apóstolo conhece seu martírio - de modo que não poderá prestar sua ajuda nos tempos difíceis que se aproximam. Antes de partir - vítima da perseguição - dá conselhos a seu sucessor e o previne do que acontecerá. É o que fazia Jesus nos discursos escatológicos (Mt 24; Mc 13): “Desde já vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais e reconheçais quem sou eu” (Jo 13,19). O discípulo e sucessor de Paulo terá de se valer dos ensinamentos e exemplos do mestre e do que aprendeu pela Escritura.

A maldade dos tempos apresenta-se com uma enumeração retórica de tipos malvados, inspirada nas listas de vícios que tanto a moral judaica como a moral grega denunciava. Tudo indica o clima de corrupção da sociedade na qual viviam as comunidades cristãs, corrupção dos que também “se insinuem jeitosamente pelas casas” (v.6) dos crentes, indivíduos corruptos que apresentam suas elucubrações com aparências de religiosidade, mas que recusam suas exigências. Timóteo, como responsável pela comunidade, deve manter-se em guarda e evitá-los. Mas não prevalecerão, como não prevaleceram aqueles rivais de Moisés que se opuseram à sua missão.

Timóteo, ao contrário, se manteve fiel ao ensinamento recebido de seu mestre e sua fidelidade à memória de Jesus se manifesta no testemunho de uma vida de “fé (...) paciência (...) caridade (...) constância” (v.10) e, sobretudo, tal qual Paulo, no marco de autenticidade da missão apostólica: “nas minhas perseguições, nas provações que me sobrevieram” (v.11). A

Servidor da Palavra de Deus (2Tm 3,14-4,5). A última recomendação a Timóteo que o autor da carta coloca na boca de Paulo concentra-se na Sagrada Escritura, “que desde a infância conheces” (v.15), e que, sendo inspirada por Deus, dará a sabedoria para guiar a comunidade no ministério de “ensinar (...), repreender (...), corrigir (...), formar na justiça” (v.16). É este um dos textos nos quais a Escritura atesta sobre si mesma - o outro é 2Pd 1,19-21 - que é “inspirada por Deus”, soprada pelo alento divino. O autor faz assim ecoar a tradição bíblica do AT que dizia pela boca de Davi: “O Espírito do Senhor fala por mim, sua palavra está na minha língua” (2Sm 23,2). A tradição cristã a colheu e estendeu a inspiração aos livros do NT. É esta Palavra que converte o cristão em “homem e mulher de Deus” em sentido bíblico, isto é, em “profetas”, em pessoas que escutam, praticam e proclamam a Palavra de Deus.

O caráter de “testamento” que esta carta apresenta alcança aqui sua máxima intensidade. Tomando Deus e Jesus Cristo por testemunhas e tendo como horizonte o fim da história, o apóstolo proclama solenemente a Timóteo que “agora” é o tempo de anunciar a Palavra de Deus. Uma torrente de imperativos expressa a urgência e a necessidade do anúncio: prega, insiste, repreende, ameaça, exorta (v.2), sê prudente, sê paciente, cumpre a missão de pregador da Palavra, suporta as provações, cumpre teu ministério (v.5).

Nunca foi mais bem expressa a vocação e a missão fundamental do ministério ordenado - bispos, sacerdotes, diáconos - dentro da Igreja: serem servidores da Palavra de Deus. E em comunhão com os responsáveis da Igreja, a missão e a vocação de todos os crentes.

**Recomendações e saudações finais (2Tm 4,6-22).** Ao concluir seu testamento Paulo se vê justamente como um servidor da Palavra que se defronta com a iminência da partida definitiva. A morte próxima

e violenta do apóstolo, tal qual toda a sua vida apostólica a serviço do Evangelho, tem um caráter de sacrifício litúrgico, uma libação (6). A partida será um levantar âncoras. É um atleta que competiu até o fim e agora se dispõe a receber a coroa do prêmio (1Cor 9,25). Somente que nessa competição não é coroado apenas um, e sim todos os que correm com esperança invencível. O “justo juiz” é o árbitro da competição e ele “me salvará de todo mal e me preservará para o seu reino celestial” (v.18). O prisioneiro sente a solidão pelo abandono ou desvio de alguns colaboradores e a hostilidade de um conhecido. Nessa mistura de nomes, alguns conhecidos - quatro figuram na Carta aos Colossenses - e nos dados sobre o processo não sabemos quanto é reflexo de fatos que o autor da carta conhecia e quanto é sua contribuição. Com um “a graça esteja convosco” (v.22) termina Paulo seu testamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.